

ORIBEL

CULTURA & INFORMAÇÃO

JUNHO

20
25

É Fervo Mesmo!

A QUADRILHA JUNINA QUE
CELEBRA A CORAGEM DE SER



CARTA AO *Leitor*



Suellen Cicotti
Históriadora,
Jornalista e
Filantropa. Fundadora
da Oribel ONG.

Caro leitor,

É com grande satisfação que lhe apresentamos a nossa revista gratuita **ORIBEL Cultura e Informação**, um espaço dedicado à cultura, arte, curiosidades, informação e atualidades. Nosso objetivo é estimular a leitura tornando o conhecimento acessível a todos. Acreditamos ser um direito de todos, e é com essa visão que trazemos conteúdos variados e interessantes para você.

Queremos inspirar você a explorar novos horizontes culturais e a apreciar as diferentes manifestações artísticas que enriquecem nossa vida.

Aqui, você encontrará fatos intrigantes, histórias surpreendentes e informações úteis para o seu dia a dia. Queremos despertar a sua curiosidade e incentivá-lo a aprender sempre mais.

Acompanhar as notícias nem sempre é fácil, especialmente quando os termos técnicos e políticos parecem complicados.

Por isso, nossa revista traduz as notícias da atualidade para uma linguagem mais simples, para que todos possam entender e se manter informados.

Nossa equipe trabalha com dedicação para trazer conteúdo relevante e confiável.

Gostaríamos de ser uma fonte de informação que você possa consultar com tranquilidade, sabendo que estamos comprometidos com a qualidade e a veracidade dos fatos.

Queremos que você se apaixone pelas palavras e descubra o prazer de ler.

Agradecemos por nos acompanhar e esperamos que nossa revista seja uma companhia agradável em seus momentos de leitura. Se tiver sugestões, críticas ou histórias para compartilhar, não hesite em nos escrever. Estamos aqui para você!

Com carinho,

Suellen Cicotti

EDITORIAL



Associação Oribel
Fundada em 2023
Editora : Suellen Cicotti
CNPJ :52.153.951/0001-02



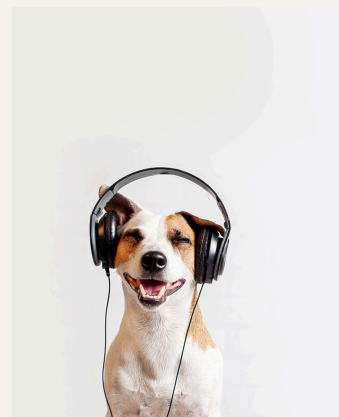
Diretora de Redação :
Suellen Cicotti **Editores**
Diego Anástacio e Camila
Guerrera. **Designers:** Otto
Carvalho.

Colaboração: Suellen
Cicotti (texto), Rafael
Amadeu (texto) Diego
Anastacio (texto)

Redação e correspondência:
Rua Prof Ciridiao Buarque
75,Bloco 1 sl 73A
Vila Anglo Brasileira
São Paulo-SP
05028-000

Contato e informações :
contato@oribel.org.br
(21) 9 7286-0452
(11) 9 1444-8440

SUMÁRIO



É FERVO MESMO	04
O Terceiro Setor no Brasil: entre a Paixão e a Burocracia	07
Mentira tem perna curta, mas corre muito mais rápido que a verdade	09
Como seria o mundo se todos falassem a mesma língua?	10
Você ouve com os ouvidos, mas sente com o corpo inteiro	11
Bullying na escola: o que fazer quando seu filho é a vítima	13
Por que Israel e Irã estão em conflito?	15
GARANTIA LEGAL E DIREITO DE ARREPENDIMENTO NO E-COMMERCE	16
Redes sociais estão mudando o cérebro?	20



É Fervo Mesmo!

A QUADRILHA JUNINA QUE CELEBRA A CORAGEM DE SER

Na Baixada Fluminense, onde a cultura popular pulsa com a força de um tamborim e a sanfona embala histórias de resistência, existe um arraiaá diferente de tudo que você já viu.

A Quadrilha Fervo Show não é apenas uma quadrilha junina. É um quilombo de glitter, afeto, identidade e arte. E o maestro dessa festa revolucionária é Uilames Lino, um homem negro, artista, ativista e verdadeiro guerreiro da diversidade.

Um legado que vira bandeira

Tudo começou em 1979, quando o pai de Uilames fundou a Quadrilha Fervo Show em Austin, Nova Iguaçu. Décadas depois, o filho não apenas manteve viva a tradição como deu a ela um novo sentido. Ele transformou o grupo em um espaço de acolhimento para pessoas LGBTQIA+ e negras, duas comunidades historicamente marginalizadas que, ali, são protagonistas.

Se você pensa que quadrilha é coisa engessada, com casais heteronormativos, sapatinhos de boneca e noivos cisgêneros, prepare-se para ter o coração aquecido.

A rainha da Fervo Show é Melissa Morelli, uma travesti premiada em diversos concursos.

E se seu par? fosse um homem trans chamado Vitória. Isso mesmo: a diversidade é regra, não exceção.

Nos ensaios, que acontecem de sexta a domingo, os integrantes não treinam apenas passos.

Ali rola oficina de figurino, artesanato, roda de conversa, escuta com psicóloga voluntária, e acima de tudo, acolhimento. É como se cada encontro dissesse: “você não está só, e sim, você é suficiente”.

Arraiá com alma e identidade

O que diferencia a Fervo Show também é o figurino: artesanal, único e cheio de significado. Uilames, que também é diretor de teatro e artista visual, desenha croquis, orienta as oficinas e ajuda a dar vida às roupas que contam histórias.

Tudo é feito por mãos de quem dança, costurando autoestima em cada detalhe. E não para por aí.

A temática de 2023, “Juntos na Igualdade, em Harmonia com a Diversidade”, é mais do que um slogan, é um manifesto.

Nas apresentações, foram em escolas, shoppings e festas públicas da Baixada, o que se viu no palco foi pura potência: passos sincronizados, cores vibrantes, personagens simbólicos e um coro coletivo dizendo que a cultura é de todos e para todos.

Este ano, o grupo traz uma nova proposta que promete emocionar o público. O tema “Os Desvalidos: História de um Nordeste Esquecido” mergulha nas narrativas silenciadas de um povo forte e resiliente. Uma homenagem potente aos invisibilizados, aos esquecidos pela história oficial, mas lembrados no coração da cultura popular.

Será que o Fervo Show vai conseguir superar as apresentações arrebatadoras do ano passado? Quem viu sabe: o palco virou um manifesto vivo. E agora, com esse novo enredo, as expectativas estão ainda mais altas. A cada ensaio, o grupo afina mais que os passos. Afina o discurso, o sentimento e a verdade que deseja compartilhar com o mundo.





Cultura que cura

A Fervo Show tem um impacto real e urgente.

Em uma região com baixos índices de desenvolvimento humano, onde a violência, a exclusão e o preconceito são cotidianos, o grupo oferece uma rota de escape, de empoderamento e de comunidade.

Já foi pauta de reportagens, vídeos, lives e documentários. Já pisou em palcos importantes, como a CESGRANRIO, com o espetáculo “Marias de todas as cores e todas as Marias são flores”. E mais importante: já salvou vidas com a força do afeto e do pertencimento.

Viva, vibre, ferva

Então, se você estiver zapeando pelo Instagram e topar com uma explosão de cores, sorrisos e figurinos que dariam inveja em estilista de passarela, pode apostar. É o Fervo Show anunciando sua próxima parada.

E como eles mesmos dizem, é fervo mesmo e com muito orgulho. Orgulho de ser quem se é. Orgulho de ocupar espaços. Orgulho de transformar a festa em trincheira, o palco em altar e a dança em declaração de amor.



O Terceiro Setor no Brasil: entre a Paixão e a Burocracia

EDIÇÃO JUNHO 2025

O Terceiro Setor é, sem dúvida, uma das engrenagens mais pulsantes da sociedade brasileira. É ali, entre casas comunitárias, associações de bairro, coletivos de cultura, projetos de educação popular e ONGs que atuam em favelas, quilombos, aldeias e periferias, que boa parte da transformação social acontece. São organizações movidas por paixão, por urgência, por afeto. Mas também são atravessadas por um fator inevitável: a burocracia.

Quem está dentro do Terceiro Setor sabe que, para além da beleza do impacto gerado, há um cotidiano invisível, feito de planilhas, prestações de contas, editais complexos, leis que mudam de uma hora para outra e uma luta constante por sobrevivência institucional. Esse é o outro lado da paixão: o peso de manter de pé uma estrutura que, em muitos casos, nasceu do improviso, da escassez e da vontade de fazer diferente.

A potência que vem de baixo

O Brasil tem mais de 800 mil organizações da sociedade civil registradas, segundo o IPEA. Destas, a maioria atua diretamente em áreas onde o Estado é ausente ou ineficaz: assistência social, cultura, educação, saúde, meio ambiente e direitos humanos. Elas chegam onde políticas públicas não chegam. Atendem quem foi historicamente excluído. E fazem isso com recursos muitas vezes mínimos, sem equipe fixa, dependendo de voluntariado ou trabalho precário.

Essas iniciativas carregam consigo um valor que não se mede em números: o pertencimento. São projetos que conhecem os nomes, as histórias, os sonhos e as dores das pessoas que atendem. Diferente de grandes estruturas que olham o social de fora, as organizações comunitárias vivem o que constroem.





A burocracia como obstáculo

Mas nem só de afeto se vive. Para captar recursos públicos ou firmar parcerias com empresas, é preciso navegar por um mar de exigências técnicas: CNPJ ativo, certidões negativas, plano de trabalho, cronograma físico-financeiro, relatórios de impacto, organograma, estatuto registrado, regularidade fiscal. Um verdadeiro labirinto que afasta muitos bons projetos da possibilidade de se manter ou crescer.

Para organizações pequenas, isso significa ter que aprender a fazer tudo: ser gestor, contador, comunicador, advogado e ainda artista, educador ou cuidador. A burocracia, muitas vezes, engessa a criatividade e esgota a energia de quem deveria estar com os pés na rua e o coração na comunidade.

Sustentabilidade: a palavra mágica (e difícil)

Falar de sustentabilidade no Terceiro Setor vai muito além de captar verbas. É sobre conseguir manter equipe, espaço, materiais, estrutura e saúde emocional de quem cuida. Muitos projetos dependem de editais pontuais, que não garantem continuidade. Outros enfrentam a inconstância de doações ou a frustração de promessas não cumpridas por parceiros públicos e privados. Buscar fontes diversas de receita, parcerias transparentes, formação em gestão e inovação são estratégias possíveis, mas que nem sempre estão acessíveis à maioria das iniciativas de base. Muitas vezes, falta quem cuide de quem cuida.

O desafio de existir (e resistir)

Apesar de tudo, o Terceiro Setor no Brasil segue sendo um dos territórios mais férteis de inovação social. É nele que nascem soluções criativas, metodologias afetivas, políticas públicas de base comunitária e movimentos que mudam realidades.

Mas é urgente desromantizar esse setor. Não basta reconhecer sua importância só no discurso. É preciso garantir acesso a recursos com menos burocracia, fortalecer redes de apoio técnico e valorizar quem está na ponta, fazendo com as mãos o que muitos prometem com palavras.

Entre a paixão que move e a burocracia que trava, o Terceiro Setor brasileiro segue em marcha. E apesar de tudo, resiste. E faz. Porque alguém precisa fazer.



Mentira tem perna curta, mas corre muito mais rápido que a verdade

A CIÊNCIA POR TRÁS DAS FAKE NEWS
(E POR QUE SEU CÉREBRO ADORA UM BOATO)

Nos últimos anos, um inimigo invisível ganhou força nas redes sociais, nos grupos de mensagens e nas conversas do dia a dia: a desinformação. Mais do que uma mentira isolada, ela se tornou um fenômeno coletivo, capaz de influenciar eleições, espalhar pânico e sabotar campanhas de saúde pública.

O mais curioso? As fake news alcançam mais pessoas, provocam mais reações e se espalham mais rapidamente do que as notícias verdadeiras. E parte da explicação está dentro do nosso próprio cérebro.

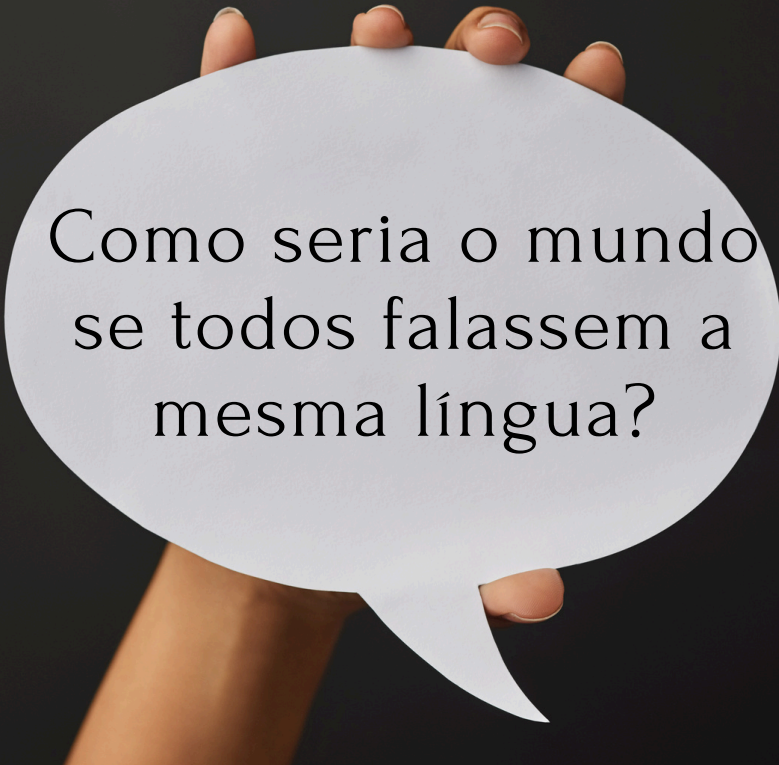
Estudos do Massachusetts Institute of Technology (MIT) mostraram que as notícias falsas se espalham seis vezes mais rápido que as verdadeiras no Twitter. Mas isso não acontece apenas por causa de robôs ou algoritmos. O cérebro humano possui uma predisposição natural para acreditar em informações que confirmam nossas crenças e que provocam emoções intensas como medo, indignação ou empatia.

Esse comportamento é chamado de viés de confirmação. Trata-se de uma tendência inconsciente de buscar, interpretar e lembrar informações que reforçam aquilo que já acreditamos. Em outras palavras, quando vemos um boato que se encaixa na nossa visão de mundo, a chance de acreditarmos e repassarmos é enorme, mesmo que ele não tenha nenhuma base real.

Além disso, nosso cérebro prefere narrativas simples. Histórias com vilões claros, heróis definidos e finais fechados são mais fáceis de entender e compartilhar. Já as verdades costumam ser complexas, ambíguas e exigem reflexão. Mentiras bem construídas, por outro lado, ativam rapidamente nossas emoções e têm um apelo natural ao viral.

Para combater a desinformação, não basta apenas corrigir dados. É necessário cultivar pensamento crítico, empatia, educação midiática e, acima de tudo, disposição para duvidar das próprias certezas. Nosso cérebro pode ser enganado com facilidade, mas também pode ser treinado para buscar a verdade com mais responsabilidade.





Como seria o mundo se todos falassem a mesma língua?

Imagine um mundo onde todos falam o mesmo idioma.

Nada de legendas, tradutores ou mal-entendidos em viagens.

Uma língua universal que unifica o planeta e elimina barreiras de comunicação. À primeira vista, parece uma ideia eficiente e prática. Mas será que esse cenário seria realmente positivo?

Uma única língua traria, sem dúvida, benefícios. Facilitaria o comércio internacional, tornaria as negociações diplomáticas mais diretas e democratizaria o acesso à informação.

As pessoas poderiam viajar, estudar e trabalhar em qualquer lugar do mundo com mais liberdade. Pareceria o início de uma nova era de conexão global.

Porém, há uma consequência que poucos consideram. A língua é muito mais do que um meio de comunicação. Ela é uma forma de ver o mundo, de organizar pensamentos, de expressar sentimentos únicos e de preservar tradições. Cada idioma é uma espécie de mapa cultural, carregado de sabedoria ancestral, metáforas, rituais e histórias.

Hoje, existem mais de sete mil línguas faladas no mundo. Muitas delas estão em risco de extinção. Com o avanço do inglês como idioma dominante, a UNESCO estima que uma língua desaparece a cada duas semanas.

Em um cenário com apenas uma língua global, essa perda cultural seria ainda mais acelerada. E não seria apenas uma perda linguística. Seria a eliminação de visões de mundo inteiras.

Outra questão delicada seria definir qual língua ocuparia esse posto universal.

Seria o inglês? O mandarim? Uma língua construída artificialmente? Qualquer escolha traria consigo desigualdade. Uma cultura se tornaria dominante, enquanto outras seriam obrigadas a se adaptar. Isso criaria uma forma sutil, porém poderosa, de dominação global.

Um mundo com uma só língua poderia ser mais funcional, mas também menos diverso. A uniformidade linguística não garantiria igualdade de pensamento. Pelo contrário, poderia empobrecer nossa forma de sentir e imaginar o mundo.

A verdadeira pergunta talvez não seja como seria viver com uma única língua, mas sim como podemos valorizar as que já existem. O desafio não é falar todos a mesma coisa. É aprender a ouvir o outro em sua língua, em sua história, em sua forma única de ser humano.



Você ouve com os ouvidos, mas sente com o corpo inteiro

EDIÇÃO JUNHO 2024



Anastacius
Maestro e Músico
@anastacius.official

Como a música vibra em você (literalmente)

Quando você coloca aquela música que ama, algo acontece. Os ombros relaxam. O coração parece mudar de ritmo. O corpo responde. E não é só impressão. A ciência confirma: a música é percebida pelos ouvidos, mas sentida por todo o corpo.

A experiência musical vai muito além da audição. Ela envolve o sistema nervoso, o coração, os músculos, a pele e até os ossos. O som é, essencialmente, vibração que se propaga pelo ar, e o corpo inteiro sente essas vibrações. Quando você ouve uma batida grave, por exemplo, seu peito vibra junto. Em shows ou bailes, o chão treme e você treme com ele. E tem mais: até mesmo os surdos podem sentir a música através da vibração.

O corpo como caixa de ressonância

Nossos ossos, tecidos e órgãos funcionam como caixas de ressonância. Isso quer dizer que o som “bate” em você. Literalmente.

Estudos mostram que sons graves ativam áreas do cérebro ligadas ao movimento e à ação, enquanto frequências agudas se conectam com a atenção e o alerta. A música ativa o sistema límbico, responsável pelas emoções, e o hipocampo, ligado à memória.

Sabe aquela música que te faz chorar do nada? Ou aquela que te arrepia logo no primeiro acorde? Isso acontece porque o som aciona memórias e sensações diretamente. Sem filtro. Não é necessário pensar para sentir. E isso é o mais fascinante da música: ela comunica em uma linguagem mais primitiva e profunda do que as palavras.



Coração, respiração e até a postura

Ouvir música tem efeitos fisiológicos. Músicas lentas reduzem os batimentos cardíacos e a pressão arterial. Músicas rápidas aceleram o ritmo cardíaco e a respiração. DJs, por exemplo, sabem disso intuitivamente ao construir sets que sobem e descem para manter o público em transe.

Na medicina, a musicoterapia já é usada como tratamento complementar para dores crônicas, insônia, estresse, autismo e Parkinson. E atletas usam playlists específicas para otimizar o desempenho. Tudo isso porque o corpo responde à música como a um estímulo real: ela nos prepara para lutar, descansar, chorar, correr, amar.

Dançar é ouvir com o corpo

A dança é a prova física de que música e corpo são uma coisa só. Você já dançou sem perceber?

O pé começa a marcar o tempo, a cabeça balança sozinha. É o sistema motor sendo “ativado” pelo som. Mesmo pessoas com mobilidade reduzida reagem com pequenas contrações musculares ao ouvir música. É como se o som despertasse o corpo por dentro.

Curiosamente, estudos mostram que a música também pode afetar o paladar e a percepção de temperatura. Um experimento da Universidade de Oxford revelou que músicas agudas fazem doces parecerem mais doces. Sim, o som influencia até o que você sente na boca.



EDIÇÃO JUNHO 2025



No fim das contas, ouvir música é um processo físico e emocional. Você não só escuta. Você responde. Vibra. Absorve. A música entra pelos ouvidos, mas ecoa na pele, no sangue, no estômago. É por isso que certas canções “te atravessam”. Elas não passam pela razão. Elas passam por você inteiro.

Talvez seja por isso que a música cura, emociona, desperta e liberta. Porque ela te lembra que você não é só pensamento. Você é corpo. É som. É vibração.

Bullying na escola: o que fazer quando seu filho é a vítima



Descobrir que seu filho está sofrendo bullying na escola é um dos piores sentimentos que um responsável pode enfrentar.

A dor, a raiva e o impulso de reagir imediatamente são naturais. Mas nessas horas, mais do que emoção, é preciso ação com estratégia, firmeza e amparo legal.

Bullying não é brincadeira. É violência silenciosa que machuca, isola e pode deixar marcas para toda a vida. A boa notícia é que você não está de mãos atadas. Existem caminhos legais e seguros para proteger seu filho, responsabilizar quem deve e garantir que ele volte a estudar com dignidade, respeito e segurança.

Neste artigo, você vai entender exatamente o que fazer, passo a passo, para enfrentar essa situação com responsabilidade, garantindo os direitos da sua criança e cobrando providências das instituições envolvidas.

Notifique a escola por escrito

O primeiro passo é deixar tudo registrado. Envie um e-mail, mensagem de WhatsApp com confirmação de leitura ou peça uma reunião formal com ata escrita. Detalhe o que está acontecendo, desde quando e como está afetando seu filho. Isso cria uma linha do tempo documentada e impede que a situação seja ignorada ou minimizada.

Se a escola não resolver, registre um boletim de ocorrência

Caso a escola não tome providências concretas ou a situação persista, registre um boletim de ocorrência. O bullying é crime previsto no Estatuto da Criança e do Adolescente quando envolve violência, constrangimento, humilhação ou ameaça sistemática.

Acione o Conselho Tutelar

Junte toda a documentação: boletim de ocorrência, atas, mensagens, vídeos e qualquer prova que comprove o bullying. Leve tudo ao Conselho Tutelar. Esse órgão tem o dever de fiscalizar os direitos da criança e do adolescente e pode exigir providências imediatas das instituições envolvidas.

Retire seu filho da escola, se necessário

Se for uma escola particular e não houver solução, retire seu filho e matricule-o em outra instituição. Guarde todos os comprovantes de pagamento de mensalidades, matrícula, uniforme e materiais escolares. Se houver dano comprovado, você poderá pleitear ressarcimento.

Na escola pública, peça a realocação com urgência

Solicite, via Conselho Tutelar, a mudança da criança para outra unidade escolar da rede pública que ofereça segurança. Nenhuma criança deve permanecer exposta a um ambiente que comprometa sua saúde mental.

Considere ação judicial contra os responsáveis pelo agressor

Se houver provas claras do bullying e a autoridade policial tiver confirmado os fatos, os pais do agressor podem ser responsabilizados judicialmente. Isso inclui pedido de indenização por danos morais (pelo sofrimento do seu filho e da família) e materiais (gastos com nova escola, atendimento psicológico, transporte, etc).



O que não fazer:

- **Não confronte diretamente a criança agressora. Ela também é menor de idade e está sob responsabilidade dos pais e da escola.**
- **Não minimize o relato do seu filho. Toda queixa deve ser levada a sério.**
- **Não enfrente o problema sozinho. Envolve a escola, os órgãos públicos e, se possível, um advogado especializado.**

Lembre-se: proteger é agir com estratégia

O bullying não é uma fase. Ele deixa marcas profundas e pode afetar autoestima, desenvolvimento e até gerar quadros de ansiedade ou depressão em crianças e adolescentes. Ao seguir esse passo a passo, você não só defende seu filho com firmeza, mas também mostra que justiça e acolhimento caminham juntos.

Se for preciso, grite. Mas registre antes.





Por que Israel e Irã estão em conflito?

O conflito entre Israel e Irã não é oficialmente uma guerra declarada, mas sim uma disputa longa, silenciosa e perigosa que envolve religião, ideologia, influência geopolítica e armamentos.

A rivalidade entre os dois países começou a se intensificar principalmente após a Revolução Islâmica no Irã, em 1979, quando o país passou a ser governado por um regime teocrático xiita que passou a se opor fortemente à existência de Israel.

O Irã não reconhece Israel como Estado legítimo e defende abertamente a sua extinção. Com isso, passou a apoiar financeiramente e militarmente grupos armados que atuam contra Israel, como o Hezbollah no Líbano e o Hamas na Faixa de Gaza. Esses grupos, que o Irã considera aliados, são vistos por Israel e por boa parte da comunidade internacional como organizações terroristas. Israel, por sua vez, considera o Irã sua maior ameaça existencial, principalmente por conta do programa nuclear iraniano.

O programa nuclear do Irã é oficialmente civil, mas Israel e países aliados acreditam que ele esconde intenções militares.

A possibilidade do Irã desenvolver uma bomba nuclear é vista como uma linha vermelha. Israel já realizou ações preventivas, como ataques cibernéticos, sabotagens e o assassinato de cientistas iranianos, para impedir o avanço desse programa.

Esses episódios alimentam uma guerra de bastidores constante, onde os dois países não se enfrentam diretamente em campos de batalha, mas se atacam por meio de espionagem, ciberataques, drones e ataques indiretos em países como Síria, Líbano e Iraque.

Em abril de 2024, a tensão escalou como nunca antes. Após Israel atacar o consulado do Irã em Damasco, o Irã respondeu com um ataque inédito ao território israelense, lançando drones e mísseis. Foi a primeira vez que o Irã atacou diretamente Israel dessa forma. A resposta israelense veio com ataques cirúrgicos em instalações militares iranianas. O risco de uma guerra aberta passou a ser real.

A disputa entre Israel e Irã é, portanto, uma guerra não declarada que mistura religião, política e estratégia militar. Ela ameaça constantemente se transformar em um conflito regional de grandes proporções. Enquanto isso, a comunidade internacional observa com atenção cada novo ataque, cada nova retaliação, cada novo avanço tecnológico. O medo é que um erro de cálculo transforme essa guerra fria em algo muito mais quente e perigoso, com impactos para além do Oriente Médio.

GARANTIA LEGAL E DIREITO DE ARREPENDIMENTO NO E-COMMERCE



RAFAEL AMADEU

ADVOGADO
@ADV.RAMADEU

Comprar pela internet virou parte da rotina de milhões de brasileiros. Seja por aplicativo, redes sociais ou sites tradicionais, a praticidade do e-commerce conquistou consumidores de todas as idades e perfis. Com apenas alguns cliques, é possível adquirir produtos nacionais e importados, agendar serviços e até realizar compras complexas, como móveis e eletrônicos. Essa comodidade, no entanto, não exclui a necessidade de proteção ao consumidor.

Com o crescimento das vendas online, aumentaram também os casos de arrependimento, problemas com produtos defeituosos ou diferentes do anunciado e dificuldades para resolver situações de troca ou estorno. E é nesse ponto que entra a importância do Código de Defesa do Consumidor (CDC), que prevê uma série de garantias mesmo para compras feitas à distância.

Entre essas proteções, destacam-se dois direitos fundamentais: a garantia legal, que assegura reparo, troca ou devolução em casos de produtos com defeito, e o direito de arrependimento, que permite ao consumidor desistir da compra dentro de um prazo de sete dias, mesmo sem apresentar justificativa. Esses dispositivos foram pensados justamente para equilibrar a relação de consumo, já que, em uma compra virtual, o consumidor não tem contato físico com o produto antes da aquisição.

Por isso, entender como funciona cada uma dessas garantias é essencial. Além de evitar prejuízos, o conhecimento dos seus direitos fortalece o consumidor diante de práticas abusivas ainda comuns em muitos e-commerces.

Nesta matéria, vamos explicar de forma clara e prática como esses direitos funcionam, quais são suas limitações, como aplicá-los em lojas nacionais e internacionais, e o que fazer quando a empresa se recusa a cumprir a lei. Afinal, garantir seus direitos também faz parte de uma boa experiência de compra.

Direito de arrependimento e garantia legal

De acordo com o artigo 49 do CDC, quando uma compra é realizada fora do estabelecimento físico — ou seja, por internet, telefone, catálogo ou qualquer outro meio remoto — o consumidor tem até sete dias corridos após o recebimento do produto para se arrepender e desistir da compra. Nessa hipótese, ele deve ser reembolsado integralmente, inclusive com os custos de frete.

Esse direito é importante justamente porque o consumidor, ao comprar online, não tem a oportunidade de tocar, experimentar ou avaliar presencialmente o produto. Muitas vezes, ele só percebe que não era aquilo que desejava quando o item chega em casa. Ao exercer o direito de arrependimento, não é necessário justificar o motivo da devolução — basta manifestar a desistência formalmente dentro do prazo.

Além disso, o CDC prevê a garantia legal para todo produto ou serviço. Isso significa que, independentemente do que estiver escrito na nota fiscal ou nos termos do site, o consumidor tem direito a reclamar de defeitos aparentes ou ocultos dentro de 30 dias (produtos não duráveis) ou 90 dias (produtos duráveis).

Se o fornecedor não resolver o problema nesse prazo, o consumidor pode optar entre a substituição do produto, a restituição do valor pago ou o abatimento proporcional no preço.

Vendas entre pessoas físicas e limitações

Um ponto importante que muitos consumidores não conhecem é que o CDC não se aplica a vendas entre pessoas físicas. Ou seja, se você comprou um celular usado de alguém em um marketplace, grupo de Facebook ou site de classificados, e essa pessoa não é uma vendedora profissional, as regras de direito do consumidor não se aplicam.

Nesses casos, trata-se de uma relação civil comum, e eventuais problemas devem ser resolvidos diretamente entre as partes. Por isso, recomenda-se cuidado redobrado ao negociar com vendedores esporádicos, e sempre guardar provas da negociação e do pagamento, para eventuais disputas judiciais.



Aplicação do CDC a lojas internacionais.

O comércio eletrônico também permitiu que consumidores brasileiros tivessem acesso a lojas do mundo inteiro, muitas vezes com preços atrativos e produtos exclusivos. Contudo, nem tudo são flores. Embora o Código de Defesa do Consumidor determine que qualquer empresa que comercialize para consumidores no Brasil deve respeitar as normas brasileiras, isso nem sempre ocorre na prática.

Em muitas situações, o consumidor até consegue uma decisão judicial favorável, exigindo o estorno do valor pago ou indenização por dano moral. Mas, se a empresa não possui CNPJ ou representação oficial no Brasil, torna-se extremamente difícil executar a sentença. Ou seja, mesmo ganhando a causa, o consumidor pode ficar sem receber.

Diante disso, alguns tribunais vêm reconhecendo a possibilidade de incluir no processo os CNPJs de empresas intermediadoras de pagamento, como aquelas que recebem o valor em nome da loja estrangeira. Se houver vínculo entre essas empresas e a loja, é possível responsabilizá-las solidariamente e facilitar a efetividade da decisão judicial.



Para evitar problemas ou solucioná-los com mais agilidade, é essencial adotar algumas medidas simples:

Guarde todos os registros da compra: prints da tela, e-mails de confirmação, número de pedido e conversas com o atendimento.

Exerça seu direito de arrependimento dentro de 7 dias, por meio de contato formal (e-mail, formulário no site ou protocolo).

Em caso de defeito, acione a garantia legal e registre o problema de forma documentada.

Reclame nos canais oficiais: você pode utilizar o site Consumidor.gov.br, procurar o Procon ou entrar com ação no Juizado Especial Cível.

Em compras internacionais, verifique se há intermediadoras brasileiras e, em caso de problema, leve essa informação à Justiça.

O e-commerce facilita a vida do consumidor, porém exige atenção e conhecimento dos próprios direitos. A garantia legal e o direito de arrependimento são ferramentas importantes para equilibrar a relação entre consumidor e fornecedor no ambiente digital.

Fique atento ao tipo de vendedor, às políticas de devolução e, especialmente, à origem da loja. Em caso de dúvidas, busque orientação jurídica ou procure órgãos de defesa do consumidor.

Ter conhecimento é o primeiro passo para fazer valer seus direitos, mesmo quando a loja está a milhares de quilômetros de distância.





Redes sociais estão mudando o cérebro?

O impacto do conteúdo acelerado e da dopamina digital.

As redes sociais mudaram a forma como nos comunicamos, nos informamos e até como nos relacionamos. Mas o que pouca gente percebe é que, aos poucos, elas também estão mudando a forma como nosso cérebro funciona. A culpa não é só dos vídeos curtos, dos likes ou dos algoritmos.

O verdadeiro impacto está na forma como tudo isso se conecta com a química cerebral, principalmente com um neurotransmissor chamado dopamina.

A dopamina é responsável por regular sensações de prazer, recompensa e motivação. É ela que nos dá aquela sensação boa quando comemos algo gostoso, ouvimos uma música que amamos ou recebemos um elogio. Nas redes sociais, esse sistema é ativado com uma frequência assustadora.

Cada curtida, comentário, visualização ou notificação dispara uma pequena dose de dopamina. E o cérebro, viciado em recompensa rápida, começa a buscar cada vez mais esse tipo de estímulo.

Isso explica por que roamos a tela por horas sem perceber. A cada novo vídeo, post ou história, o cérebro espera mais um pico de prazer.

Quando algo não nos interessa imediatamente, simplesmente passamos para o próximo conteúdo. Esse comportamento repetitivo altera a forma como prestamos atenção nas coisas.

O tempo de concentração diminui, a paciência para conteúdos mais densos desaparece e a tolerância ao tédio praticamente some.





Estudos mostram que o uso constante das redes sociais, especialmente aquelas com conteúdo acelerado como TikTok, Reels e Shorts, pode reduzir a capacidade de foco e aumentar quadros de ansiedade, insônia e sensação de inadequação.

O cérebro se acostuma a uma realidade artificial onde tudo é rápido, divertido e recompensador. Fora dali, o mundo parece mais lento, mais difícil e menos interessante.

Crianças e adolescentes são os mais afetados, já que seus cérebros ainda estão em formação. Mas os adultos também sentem os efeitos.

A dificuldade de ler um livro até o fim, de assistir a um filme sem pegar no celular ou de manter uma conversa longa sem distração são sinais de que algo está mudando no nosso modo de viver.



Isso não quer dizer que as redes sociais sejam inimigas. Elas são ferramentas poderosas e fazem parte da vida moderna. Mas é importante reconhecer seus efeitos e buscar equilíbrio. Estabelecer limites, consumir conteúdo com mais intenção e permitir que o cérebro desacelere são formas simples, porém eficazes, de preservar nossa saúde mental.

O mundo real não tem botão de curtir. Não tem filtro. Não tem trilha sonora. E é nele que nossa mente precisa continuar funcionando com clareza, atenção e presença.

As redes são parte da vida, mas não podem ser a vida toda. E o cérebro, tão inteligente quanto adaptável, só precisa de um pouco de silêncio para lembrar como é bom viver sem rolar a tela.





A Associação Oribel é uma Organização da Sociedade Civil (OSC) que atua em âmbito nacional, criada em 2023 com o objetivo de fortalecer e viabilizar iniciativas e organizações sociais, culturais e ambientais que não possuem formalização jurídica, porém contam com ideias e projetos inovadores e que fazem a diferença na vida das pessoas e nas comunidades em que atuam.

Buscamos Promover a ética, a paz, a cidadania, os direitos humanos e democracia. Acreditamos que, por meio de nossas ações, podemos fazer a diferença na vida de muitas pessoas e contribuir para uma sociedade mais justa e igualitária.

Visamos viabilizar projetos que prestam assistência integral à criança e ao adolescente, ao idoso, às pessoas com deficiência, às mulheres, às pessoas negras e à população LGBTQIA+, sem distinção alguma de raça, cor, condição social, credo político ou religioso, visando a integração familiar e social dos assistidos.

Atuar na defesa e promoção da livre orientação sexual e da livre identidade de expressão e gênero das pessoas LGBTQIA+, colaborando com organizações do setor privado, público e do terceiro setor na criação de projetos alinhados às políticas públicas de incentivo a manifestações culturais.

Promovemos a inserção no mercado de trabalho, medidas de atendimentos humanizados, medidas de segurança pública e medidas de saúde pública desta população.

Trabalhamos formando parcerias e alianças com estas organizações, possibilitando a estruturação de seus projetos e ideias com o intuito de viabilizar a captação de recursos financeiros através de programas governamentais e leis de incentivo, bem como conectando pessoas físicas e jurídicas a estas iniciativas através de doações.

Além disso, atuamos provendo apoio, treinamento e orientação administrativa, técnica, legal e contábil aos idealizadores destas organizações, para que tenham uma gestão eficiente dos recursos captados e uma comunicação segura com seu público.

Junte-se a nós nesta missão. Juntos, podemos fazer a diferença.

 <https://oribel.org.br>



(21) 9 7286-0452 - RJ



ASSOCIAÇÃO ORIBEL



CONTATO@ORIBEL.ORG.BR



@ORIBEL.ONG



@ORIBEL.ONG

Ajude
NOSSOS PROJETOS
CHAVE PIX

Associação Oribel

